

SER PAI: MEMÓRIAS QUE NÃO QUEREMOS SOB A LUZ

BEING A FATHER: MEMORIES THAT WE DO NOT WANT UNDER THE LIGHT

João Carlos Cattelan¹

Resumo: Por meio de um fragmento do filme *Milagre na Cela 7*, de uma troca de *e-mails* entre uma professora e o pai da aluna e de excertos da série *Better Than Us*, tenho o objetivo de verificar que imagem de paternidade se constrói nestes três dados. Postando-me no horizonte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, sobremaneira em Michel Pêcheux (1993, 1997 e 1999) e Orlandi (1993 e 2011), busco analisar a que filiação discursiva e ideológica estes discursos se submetem e constatar se estes acontecimentos se encontram na ordem da ruptura ou da pertença a uma rede parafrástica. É possível afirmar que, embora pertençam a contextos tão díspares e distantes, o imaginário que os assombra não se distancia significativamente em termos de filiação ideológica e de pertença a uma formação discursiva.

Palavras-chave: Discurso. Memória. Acontecimento. Paternidade.

Abstract: Based on an excerpt from the film *Miracle in Cell No. 7*, *e-mail messages* between a teacher and a student's father, and excerpts from the series *Better Than Us*, I aim at verifying the image of fatherhood that is constructed in these three data. Situated in the theoretical horizon of French Discourse Analysis, especially in Michel Pêcheux (1993, 1997, 1999) and Orlandi (1993, 2011), I attempt to analyze the discursive and ideological affiliation to which these discourses are submitted and verify whether these events are inscribed in the order of the rupture or the belonging to a paraphrastic net. I come to the conclusion that it is possible to affirm that, although they belong to context so diverse and distant, the imaginary that aunts them is not distant from other in terms of ideological affiliation and memorial discursive.

Keywords: Discourse. Memory. Event. Fatherhood.

Sou uma casa. Está escuro em mim. Meu consciente é uma luz solitária. Uma vela ao vento. Ela cintila. Às vezes, aqui; às vezes, acolá. Todo o resto está nas sombras. Todo o resto está no inconsciente. Mas ainda está lá. Nos outros cômodos. Nichos, corredores, escadas e portas. O tempo todo. E tudo que vive e perambula dentro de nós está presente. Trabalha e vive. Dentro da casa que soa. Instintos, desejos e tabus. Pensamentos proibidos. Desejos proibidos. Memórias que não queremos ver sob a luz. Que afastamos da luz. Elas dançam na nossa escuridão. Nos atormentam e nos atacam. Eles assombam e sussurram. Eles nos assustam. Nos adoecem. Nos tornam histéricos.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAr) e docente do Curso de Letras (graduação e pós-graduação - em nível de mestrado e doutorado) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jcc.cattelan@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7838-5284>

Introdução

A epígrafe, em destaque, foi retirada do episódio 1 da temporada 1 da série da Netflix, intitulada *Freud*. Ela é proferida no início de uma conferência à sociedade alemã de psiquiatria, abordando o poder da hipnose. Nesse excerto, o pensador atenta para a existência das múltiplas facetas que constituem a vida psíquica, neste caso em especial, do consciente e do inconsciente: aquilo que se sabe e aquilo que não se sabe que se sabe.

Sob estas luzes, começo o artigo com um dado às avessas, porque aborda a maternidade, para dar contornos à meta que pretendo alcançar, isto é: a imagem de *pai* que circula em algumas materialidades discursivas. Na série *Paranoid*, aos 24:00 do episódio 6 da temporada 1, também da Netflix, a policial Nina, que tem, aproximadamente, 40 anos de idade, descobre que está grávida:

- Você vai contar para as pessoas? Sobre o bebê?
- Eu contei para as minhas irmãs. Elas achavam que eu fosse uma estéril que só trabalhava. E que nunca ficaria grávida, não é! Eu sou mulher. Elas não são mais as únicas com leite materno.

Se, por um lado, Nina sabe que está grávida, que as irmãs a julgavam estéril e que ela vivia apenas para o trabalho e que, no momento, possui leite materno (saberes que se encontram onde a luz solitária cintila), por outro, ela não parece perceber por que, só então, pode afirmar “eu sou mulher”, como se não fosse antes de engravidar. Tudo se passa como se, não ficando grávida e não podendo nutrir uma nova vida com leite materno, não fosse mulher, mas um ser mutilado e incompleto, cuja existência não seria cabalmente realizada, se não pela maternidade. Esta memória perambula, dança na escuridão, atormenta, assombra, sussurra, trabalha e vive dentro de Nina. Para ela, *ser mulher* e *não ser mãe* é ilógico, mesmo que não tenha domínio sobre as injunções sócio-históricas que a levam a postular esta suposta “irracionalidade”.

Mencionei que traria um dado às avessas, porque, no caso de Nina, trata-se de uma relação entre *ser mulher* e *ser mãe* (entre dever ser mãe para ser mulher e entre não poder se sentir mulher, se não for mãe) e o que pretendo esboçar ser relativo a *ser pai*, em termos de alguns efeitos que se prendem a este lugar social. Valendo-me de um excerto do filme turco *Milagre na Cela 7²*, de *e-mails* trocados entre a professora e o pai da aluna sobre quando ela elogiou a produção/recitação de um

2 O filme de onde foi retirado o recorte gira em torno da narração ficcional dos acontecimentos relativos a Memo, um pastor de ovelhas com deficiência mental, que vive com sua filha e com sua avó em uma vila na costa turca do mar Egeu. A vida de Memo é virada de cabeça para baixo, quando a filha de um comandante militar morre e ele é acusado do assassinato dela, sendo condenado à morte. Preso, Memo fica distante da filha que passa a ter os cuidados da Avó, além dos da sua professora. O filme foi lançado em 10 de outubro de 2019, tem como diretor Mehmet Ada Öztekin e a sua língua de origem é o turco (adaptado da sinopse do filme).

soneto pela criança e de recortes da série *Better Than Us*³ ⁴, de origem russa⁵, busco perceber que imagem de pai emerge destas diferentes materialidades. Por se tratar de um filme turco, de uma troca de e-mails no Brasil e de uma série russa, penso poder assumir que a filiação ideológica que pretendo explicitar tem mais abrangência do que algo que seria conjuntural e circunscrito, embora não se possa, em termos discursivos, pretender uma semântica que seria universal.

Em acordo com o excerto de Freud, da epígrafe, e à luz do dado que acabo de apresentar, considero como *leitmotiv* outro excerto, desta feita, retirado da série *Gypsy*, também da Netflix (episódio 1, temporada 1, 00:30):

Eu acreditava que as pessoas decidiam suas vidas. Que estávamos no controle, comandando nossos futuros, escolhendo nossos cônjuges e profissões, sendo responsáveis pelas decisões que traçam o curso de nossas vidas. Mas há uma força mais poderosa que o livre-arbítrio: nosso inconsciente.

Como é possível perceber, o recorte assevera, em termos generalizantes (o que significa que não se aplica a uma problemática em especial, como a da paternidade, por exemplo, mas, por outro lado, aplica-se a qualquer temática observada), que muito (se não integralmente) do que o sujeito é ou acredita ser resulta de injunções que lhe escapam e o determinam para além do que lhe pareça a sua vida empírica. Em outros termos, ser pai, mãe, soldado, professor... resulta de condicionantes que, em geral, transcendem o momento atual e têm uma datação histórica de longo prazo. À luz das materialidades que tomo como dado de análise, busco, como já anunciado, verificar como elas concebem a paternidade à revelia de ela ser ou não aquilo que dizem/imaginam que ela seja.

Pai sente, mas esconde

Um princípio constitutivo dos estudos discursivos pautados em Michel Pêcheux é que a língua é opaca, já que não contém todos os ingredientes para que o sentido seja determinado, e que a sintaxe deve ser considerada como preventiva, porque a materialidade linguística constituinte do

³ À primeira vista, a série parece imitação do filme “Eu, Robô”, em que um robô comete um assassinato e vira alvo de uma investigação da polícia, enquanto a empresa responsável tenta desaparecer com as provas do crime. Mas se aquele filme foca no aspecto detetivesco, a série está preocupada com as pessoas de um mundo *hi-tech* e em como a tecnologia se insere num país como a Rússia, politicamente fechada e quase autocracia fundamentalista. A grande problemática gira em torno de personagens com famílias disfuncionais (compilado de comentários da internet).

⁴ Nas próximas três seções, trato especificamente de cada um destes dados e, então, mais oportunamente, apresento elementos que garantem uma melhor percepção da relação de cada um com suas condições de produção.

⁵ À pergunta sobre como cheguei à escolha destes dados e não outros para a realização deste trabalho, cabe explicar que já faz algum tempo que me dedico à discussão sobre a paternidade e aos modos como ela é concebida à luz dos processos discursivos em que é tematizada, explícita ou implicitamente. Quer me parecer que um corpus de dados, ou um arquivo, muitas vezes, é constituído em torno de uma hipótese inicial que requer, após a recolha de algum caso inicial, o fortalecimento com mais dados que ratificam o insight inicial do estudo. Neste caso em particular, o e-mail foi o desencadeador da reflexão, que, depois, foi fortalecido pelo filme turco e, posteriormente, pelo seriado russo.

discurso impede que se construa um sentido à revelia. Sempre atrelado às condições de produção em que o discurso acontece, para este autor (1995, p. 160), o sentido é regulado pela *formação discursiva* em que o discurso se insere, pois ela determina “o que pode e deve ser dito (...) numa formação ideológica dada”: “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria próprio, vinculado a sua literalidade” (p. 161 - grifo do autor). Contra as tentativas, portanto, de estabilização lógica da significação, que se pautam na hipótese da transparência da língua, no discurso, o sentido é um efeito de sentido, que tem uma relação intrínseca com o “*processo discursivo*” de que faz parte, conceito este que designa “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos - ‘significantes’ - em uma formação discursiva dada” (p. 161 - grifo do autor).

No parágrafo anterior, acham-se quatro conceitos cruciais da Análise de Discurso: *opacidade, formação discursiva, efeito de sentido e processo discursivo*; eles formam uma rede cujos nós se enlaçam e se reforçam. A língua é opaca, porque o sentido não é transparente (não é literal) e só se revela à luz do processo discursivo previsto pela formação discursiva a que os ingredientes linguísticos estão submetidos. Neste estudo, a hipótese é que *ser pai* significa algo que só recebe o seu contorno, se percebido nos discursos em que aparece, captando-se o que se diz sobre ele; dicionário algum abarca as nuances que aí são construídas, embora sejam repetíveis no modo de reformulações.

Para a determinação do que é um *pai*, no caso deste estudo, é preciso não pressupor, assim, em consonância com Pêcheux (2011, p. 152), “a existência evidente dos objetos de saber, ‘passando através’ dos processos discursivos nos quais eles se constroem (e) sem prestar a estes últimos uma atenção particular”, demanda que busco atender, mesmo de modo microescalar, pela reunião de três eventos discursivos, ocorridos num filme, num *e-mail* e numa série. Nestes três casos, mesmo díspares, parece haver uma regularidade que constrói um imaginário em relação à figura paterna e à figura materna que fixam os lugares que eles devem desempenhar. Neste estudo, portanto, busco verificar se esta hipótese sobre a paternidade se confirma nas materialidades selecionadas. Vou me reportar a cada uma como Sequência Discursiva⁶ (doravante, SD) e enumerá-las cronologicamente.

SD1) Também amo muito o meu pai, sabia? Mas, meu pai é um pouco rigoroso. Ele não é como o seu. Ele é assim para não o acharem fraco. Ele não é assim de verdade. Eu sempre quis abraçá-lo como você faz, só uma vez. Não consegui. Ele sempre cuidou bem de mim e da minha irmã. Mas nunca nos abraçou como o seu pai.

⁶ Uma SD constitui uma parte de um texto selecionada “a partir de um campo de arquivos reunidos em função de um sistema de hipóteses elaborado por uma dada pesquisa” e resulta da quebra do “fio do discurso”, surgindo, por isso, “como entidade independente”, em face da “questão a que se pretende dar resposta por meio do procedimento de análise” (PÊCHEUX, 2011, p. 166-167-164).

Para não atropelar a fruição de quem vá assistir ao filme e reter o contexto da ocorrência do fragmento, teço alguns alinhavos que ajudam a circunscrever o efeito de sentido sobre *ser pai* no excerto. Memo é deficiente intelectual, sendo condenado à morte pela acusação de assassinato da filha de um comandante do exército. Pastor de ovelhas, após a morte da mãe da filha, Ova, ele mora com Fatma, sua mãe. A professora de Ova, Mine, auxilia nos cuidados dela, ajudando-a a encontrar o pai na prisão, incomunicável por ordem dos militares. Deixo de lado o fato de o cuidado da filha ser transferido para a avó e para a professora dado o fato de Memo ser deficiente, embora defenda que, mesmo que não fosse, ele não seria dado como apto para o cuidado. O excerto ocorre à 1:33:00 e é proferido por Mine, quando compara Memo ao próprio pai.

Mine aborda a forma de comportamento do pai, pouco dado a efusões afetivas, a sua maneira rigorosa de agir, o recalque da ternura que sente pelas filhas por causa de uma forma de entender a masculinidade, o cuidado para com as filhas e o distanciamento físico entre eles. Ao contrário de Memo, sempre afetuoso com a filha e afeito às demonstrações de carinho, o pai de Mine, em que pese o rigor e a rudeza, é visto como alguém que recalca o que sente, por, pelo menos, duas razões: a) ele é homem e, pautado na crença de a masculinidade/virilidade não se misturar com as emoções e se sustentar na pura racionalidade, é rigoroso e não tem contato com as filhas, o que, no caso de Memo, é aceitável, dado que a sua idade mental é idêntica à de Ova; é uma criança e, de uma criança, as demonstrações de afeto não seriam conduzidas por algum imperativo sexualizante; b) além de ser homem e não poder ser emotivo, há outro ingrediente que recrudescer a sua atitude: ele é relativo ao fato de as filhas serem mulheres e o contato com o pai poder ser lido de forma sexualizada, o que representaria uma perversidade. De todo modo, Mine constata o descompasso entre o que pai sente e as suas atitudes para sufocar o afeto.

Conforme o discurso de Mine, embora o pai tenha virtudes, ele é pouco afetuoso, o que permite inferir a existência de um encavalamento entre ser homem e ser pai, de acordo com o que é ditado ideologicamente para cada um desses lugares. Ser homem, então, superdetermina ser pai e faz com que o carinho sentido seja recalçado. Como, para um quadro de crenças, ser homem é ser forte e o afeto revelaria a fraqueza e a parca determinação, o homem, preso numa percepção da masculinidade, deixa de ser o pai afetuoso que é, mas que está impedido de ser, para não o acharem fraco, devendo “optar” pelo prato da balança que pesa a afetuosidade e os demais sentimentos como se fossem de menor valor.

Ao lado do impedimento de manifestações de carinho e, por consequência, da atitude rigorosa, que é lida de forma negativa, há a afirmação de que o pai “sempre cuidou bem”, o que não passa pelo plano afetivo. “Cuidar bem”, neste sentido, em face do imaginário construído pelo patriarcalismo, está atrelado a dois efeitos de sentido “propriamente” masculinos: proteção e

provisão. De um lado, a salvaguarda das filhas contra as problemáticas cotidianas e as ameaças que podem assombrar a existência; de outro, a manutenção das condições materiais para a concretude de uma vida abastecida/provida de bens materiais.

Do excerto, emergem dois traços de sentido constituintes do que é ser pai neste contexto: ser rigoroso, enérgico e exigente e, por decorrência, pouco dado a efusões de carinho e ser quem provê a segurança (o pai é forte) e a manutenção (o pai é provedor); ambos os efeitos coadunam mais com o imaginário⁷ de *ser homem* do que *ser pai*, com o primeiro se sobrepondo ao segundo. É digno de nota que, embora deseje, o abraço que Mine “sempre quis” não chegou, já que o pai, absorvido e cioso de seu lugar (o resto que “trabalha e vive dentro da casa que soa”), não percebe que o afeto é ingrediente constituinte do lugar de pai, o que, para Saraceno e Maldini (2003, p. 121), facilita uma estereotipização do “reconhecimento simbólico”, em que “dos homens fala-se das trocas ou dádivas financeiras, económicas e esconde-se, neste caso, a relação afetiva”. Enfim, o pai não pode ser dado a demonstrações afetivas, devendo ser puramente racional e não ter contato físico, sobretudo, com as filhas, o que parece denunciar uma certa insegurança sobre a temperança masculina e a possibilidade de que o homem caia em tentação se não for fortemente reprimido.

Ao parabenizar a mãe, incluo a família

O segundo evento discursivo se refere a uma troca de *e-mails* entre a professora e o pai da aluna a que ela faz menção. Por meio de uma sequência de envio, réplica e tréplica, a temática da presença paterna é abordada e, como espero mostrar, a emenda/correção efetuada pela docente fracassa, quando ela se depara com a polêmica, e faz a paternidade ser peremptoriamente rechaçada, o que não deixa de apontar uma vez mais a necessidade de levar “em conta os vínculos entre inconsciente, língua e subjetividade” (PÊCHEUX, 2011, p. 62) ou, em outros termos, o fato de o sujeito ser resultado de injunções discursivas, sobre as quais não tem domínio, dada a interpelação de que ele é o lugar e o efeito.

SD2) E-mail) Bom dia, querida...!

Como não gostar dessa declamação, ‘Maravilhosa’!!! Você sempre supera as expectativas!! Sua apresentação, além de um cenário belo, teve entonação, ritmo, gestualidade e a emoção tão necessária à poesia. Adorei assistir seu vídeo! Nota máxima!! Parabéns, menina linda, para você e sua mãe, tão parceira em todos os momentos!! Obrigada pelos desejos de feliz Páscoa, ontem, em minhas reflexões, coloquei todos os meus alunos e suas famílias em minhas orações, pois vocês são importantes demais em minha vida. Desejo que em breve possamos nos reencontrar e retomar não só os momentos de aprendizagem, mas o convívio

⁷ Para ir direto ao ponto e não entrar numa seara que obrigaria a percorrer um longo caminho que vai do conceito de imaginário na psicanálise até às formações imaginárias na análise do discurso, basta reter, de um modo simplificado, que o conceito remete àquilo que se imagina/acha/pensa que algo seja, tal como é construído pelo discurso.

maravilhoso que possuímos.
 Beijos enormes e repletos de saudade!
 Carinhosamente.
 Profª...

Em período de pandemia e com as aulas ocorrendo à distância, aconteceu de, na matéria de Língua Portuguesa, o conteúdo ser *soneto*. Ao final da unidade, os alunos deveriam escrever um, treinar a recitação, filmá-la e enviar para avaliação. Concluída a atividade, a aluna enviou a tarefa, recebendo como resposta o *e-mail*. A docente elogia o desempenho da criança, enaltece a apresentação, parabeniza a aluna e a mãe, “tão parceira em todos os momentos”, agradece os votos de “feliz Páscoa”, afirma rezar pelos alunos e suas famílias e deseja o retorno ao convívio normal. Este é o contexto de ocorrência do discurso acima: ele é o retorno sobre uma atividade escolar desenvolvida à distância, em 2020, durante a pandemia de Covid-19.

Dentre os pontos que poderiam ser abordados, volto-me para um, porque toca no que pretendo ressaltar: o enunciado “Parabéns, menina linda, para você e sua mãe, tão parceira em todos os momentos!!”. Reportando-se à criança, com *menina linda, você e sua e*, com estes recursos, também à *mãe* da aluna, o discurso desenha um cenário de que participam filha e mãe e não existe pai ou, se existe, é representado como não sendo parceiro, podendo ser deixado de lado.

Tudo se passa como se, durante a atividade, não houvesse a intermediação paterna: “a vela cintila. Às vezes, aqui; às vezes, acolá. Todo o resto está nas sombras”. Às vezes, a filha; às vezes, a mãe. O resto (o pai) permanece na sombra. Na encenação, mãe e filha estão isoladas, constituem um mundo à parte e, como apregoa o discurso patriarcal responsável pelo efeito de evidência de um certo imaginário, o homem não se envolve na educação da criança, não há pai neste momento e nem sequer se cogita se houve a participação dele no trabalho. Vê-se, assim, como a subjetividade da produtora do *e-mail* é “efeito da interpelação de que o sujeito é o lugar, pelo viés da identificação” (PÊCHEUX, 2011, p. 64), ou seja, ele é constituído que pelo que vem de fora e o formata, levando-o a se identificar com uma perspectiva de mundo que não é a sua, mas e vivida como se fosse.

Sabendo do *e-mail* pela criança que, toda contente, foi mostrá-lo ao pai, ele, incomodado pela supressão/apagamento a que foi submetido, responde ao e-mail da professora, chamando a atenção dela para a existência dele.

SD3) Réplica) Bom dia, professora... Tudo bem?
 Eu quero me apresentar... Sou... Pai da... Gostei muito do seu e-mail para ela sobre o soneto... Muito legal... Mas não pude deixar de notar uma ausência... Muito obrigado...

O embate revela, como sempre ocorre no terreno discursivo, em que a polêmica é sempre

de confronto, que ‘as coisas a saber’ são “sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras” (PÊCHEUX, 1997, p. 54), uma vez que a docente está postada num mirante, enquanto o pai em outro, reivindicando outra leitura. Interpelado por outro discurso, cujo processo discursivo se submete a outro princípio ideológico, o pai só poderia se sentir excluído da relação construída pela docente. Em retorno, ele se apresenta citando seu nome e de quem é pai e afirma que gostou da avaliação da professora, mas afirma que não pode “deixar de notar uma ausência”, sem que explicita qual é ela, deixando ao cargo da interlocutora recobrir a lacuna por meio das pistas do intradiscurso, que, como se pode perceber, surte o efeito pretendido. O destaque a ser dado é relativo ao fato de que a docente e o pai estão em mirantes distintos: a ausência na educação da criança, lá, é tomada como presença aqui.

Mostrando perceber em que a lacuna causadora da polêmica consiste, a docente treplica a resposta recebida nos termos que seguem:

SD4) Tréplica) Boa tarde sr...

Realmente, cometi um equívoco, peço que me perdoe. Ao parabenizar a mãe, incluo a família, pois sem ela, não existiria a... e tudo que de maravilhoso ela representa. Se permitires, parabenizo-o, nesse, com a mesma intenção daquele! Parabéns, a todos os envolvidos nos processos de vida da..., pois somos muito mais que a soma de nossas partes, isso advém dos ensinamentos de nossas maiores referências de vida, nossos pais!

Reitero meu pedido de desculpas!

Profª...

Com pedidos de desculpas reiterados, a docente tenta contornar o “equívoco”, suprir a lacuna e o apagamento e justificar a “falha”. A superabundância com que tenta justificar o lapso já é um sintoma de que algo vai mal, pois a atenção se volta para a aluna, para “todos os envolvidos” e para as “maiores referências”. Em outros termos: o discurso constrói a admissão do equívoco sem que, de fato, o admita e, de determinado modo, rebate a chamada de atenção, quando afirma que “somos muito mais que a soma de nossas partes”, denunciando uma certa mesquinhez por parte do pai. Em outros termos, ainda: o equívoco parece ser denegado, ou seja, afirmado por meio da negação, em face da tentativa de contornar o seu cometimento e de deslocar o foco de atenção para outras paragens, de alguma maneira, mantendo o apagamento no *e-mail* inicial.

Atento para a tréplica no que se refere ao descompasso entre a assunção do lapso e a busca abundante de justificá-lo, de alguma forma, tentando negá-lo, o que, do ponto de vista do discurso, parece aceitável, pois, de fato, não há equívoco, ou seja: o apagamento do pai atende aos ditames da formação discursiva cuja injunção o aloca em outras posições, que não a relativa à educação da criança. O equívoco, portanto, não ocorre, na medida em que a filiação discursiva da professora,

que deve alguma base para afirmar o que afirma, deve lhe dar alguma sustentação de argumentação, embora ela caia na armadilha de que “todo pai é assim”.

Ao afirmar que, “Ao parabenizar a mãe, inclu(i) a família” (o que não procede, pois “a mãe” é parabenizada e não “a família”), ao parabenizar “a família” (que não é composta apenas pelo pai e pela mãe), ao deslocar o foco para “todos os envolvidos” (o que denega a relevância do pai e da mãe e, na forma do autoelogio, torna meritória a presença da professora) e ao tratar das “maiores referências” (o que implica outras menores), o discurso diminui a pertinência da reivindicação paterna, deslocando-a para um foco aquém do desejado pelo reclamante. Não haveria equívoco, poia, mantido com uma série de justificativas, e o pedido de desculpas, dada a exacerbação, não parece convicto; algum abalo, mas nada que pareça uma convicção genuína. Tudo se define por meio da repetição “que tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Para não ignorar o problema, gostaria de imaginar, com uma dose de otimismo, que a necessidade de justificar o “equivoco” seja séria e possa ser considerada como uma forma de abalo, mesmo que mínima, no discurso que desaloja o pai do campo educacional; então, “o acontecimento discursivo, provocando interrupção”, estaria desfazendo a “regularização” e, pois, produzindo “retrospectivamente uma outra série sobre a primeira” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), mas talvez haja um pouco de otimismo nesse caso. Entretanto, tendo a ficar com a primeira leitura, porque ela é autorizada pelo *e-mail* espontâneo e ainda não estremeceu pela polêmica. Se isto estiver correto, o discurso não propicia, ainda, espaço para o pai na educação do filho, ainda mais quando se trata de uma atividade que demanda “a emoção tão necessária à poesia”.

Deixe os filhos com o ex para ele estragar tudo

Num outdoor de propaganda com que me deparei algumas vezes no meu trajeto para o trabalho, o enunciado verbal é “normal é não sentir dor”, dado que, num corpo saudável, não ocorrem perturbações dignas de atenção: não há dor. Se ela existe, algo da indiferença desejada passa a exigir que o sentido do sintoma seja atribuído. O silêncio grita. Algo de parecido acontece com o discurso e o sentido das coisas-a-saber, porque, manifestando-se a partir do seu mutismo, exigem ser alçadas para o campo da linguagem e terem o seu efeito discursivo delineado.

No discurso, sobre o silêncio, a linguagem formata o mundo, pois, conforme se pode concordar com Orlandi (1993, p. 36), cabe a ela “asseverar, gregarizar, unificar os sentidos (e os sujeitos)”. Estudando o *pai*, concordo que “o ato de falar é o de separar, distinguir e (...) vislumbrar o silêncio”, já que “a linguagem estabiliza o movimento dos sentidos (p. 29), parecendo resistir a uma mutação na concepção da paternidade e cristalizando uma, cujo “gesto disciplina o significar”

(p. 30), constituindo uma memória que se impõe e parece naturalizar o sentido, apagando que ele “(é) história, produto da história e constitutivo da história” (MAZIÈRE, 2007, p. 100).

O terceiro dado de que me valho provém de excertos retirados da série *Better Than Us*, cujo enredo aborda a criação de robôs femininas para cibersexo pela empresa Cronos, dirigida por Vitor Pavlovich. Fazem parte da trama, os membros da família: Alla (mãe), Sefronov (pai), Sonya (filha) e Egor (filho). Alla e Sefronov estão se separando e o debate é sobre se ele deixará que ela leve os filhos à Austrália, para onde pretende se mudar com Lev, seu namorado.

Descobrimos, por meio de Sonya, que a viagem de passeio que Alla alegava que faria para a Austrália era uma manobra e que se tratava, de fato, de uma mudança definitiva, Sefronov e a esposa têm o seguinte embate:

- SD5) - Eu não contei nada para você, porque eu não queria chatear você.
 - Vocês iam fugir!
 - Pense bem no que você quer. Eu penso nas crianças. Elas vão ficar melhor na Austrália.
 - Longe do pai delas?
 - Você pode ir visitá-las (T1, E1, 10:15⁸).

Considerando a memória discursiva como “aquilo que face a um texto que surge como acontecimento dado a ler, restabelece os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), é possível afirmar que há um ingrediente balizador que norteia o confronto por parte de Alla: o de que os filhos ficam com a mãe em caso de separação, seja qual for o motivo para que não ocorra o contrário. Contra as acusações de que estaria fugindo, uma vez que não avisou que a mudança era definitiva, e que os filhos estariam longe do pai, Alla alega que “não queria chatear”, que pensava “nas crianças” e que a compensação pela ausência viria por meio de visitas. Esta memória coloca pai e mãe em dois pratos de balança, fazendo o pêndulo pender de forma desigual para o lado materno.

Por instantes, no entanto, parece que alguma ruptura emergirá do embate, pois o discurso macula a imagem de Alla, já que não querer chatear Sefronov equivale a não chatear a si mesma, com uma mescla de denegação, covardia e egoísmo, e querer o bem das crianças equivale a querer o próprio bem, cujo apaziguamento viria das visitas periódicas. O confronto polêmico, portanto, não é mais do que a frustração do desejo que Sefronov tenta barrar, porque também está pautado num desejo cuja frustração é dolorida. De toda sorte, desenha-se uma mãe não tão abnegada e um pai não tão à vontade para renunciar aos filhos. O acontecimento parece dar mostras de que alguma brecha se abrirá no senso comum ideológico. Como o conflito não se equaciona, Marina, a

⁸ Temporada 1, Episódio 1, 10 Minutos e 15 Segundos.

advogada do caso, sugere que Alla deixe os filhos com o pai e viaje.

SD6) – Quanto tempo vai levar isso com o Sefronov? Um ano? Mais? O Lev é maravilhoso, mas não vai me esperar para sempre.

– Não sei se vai gostar... Mas tive uma ideia de como você pode conseguir a guarda total mais rápido (T1, E1, 40:00⁹).

SD7) – O Lev e eu vamos partir esta noite. Esteja lá antes das 22h.

– Por quê?

–As crianças vão ficar com você (T1, E1, 42:00¹⁰).

Para atender ao desejo de Alla, Marina tem “uma ideia” para “conseguir a guarda total mais rápido”: deixar os filhos com o pai para ele perceber que não dá conta da tarefa ou fazer algo indevido que justifique a tomada dos filhos e a liberação para a viagem. Dois fios percorrem os excertos: a busca do atendimento da vontade de Alla por Marina, com o cadinho de autorrealização que possa existir, e a aposta no insucesso de Sefronov no que tange ao cuidado dos filhos. Egocentrismo, de um lado; incompetência, do outro. Tudo gira em torno de que a previsão ideológica se confirme e um desejo de realização passional seja atendido.

Embarcando na sugestão de Marina, porque tem esperança que seja a saída para um dilema todo próprio e porque acredita no fracasso do marido, Alla admite que a advogada faça visitas à casa dele para verificar como tudo acontece e concorda, inclusive, com a decisão de instalar câmeras na casa para poder flagrar algum deslize. Numa dessas visitas, Marina é atendida por Sonya e diz a ela, em resposta à pergunta sobre por que estava ali:

SD8) – Não. Nada. Desculpe incomodar. Certo. Até onde vejo, está tudo bem. Sonya, você e o Egor podem me ligar quando quiserem. Fechado? (T1, E2, 13:00¹¹).

Mesmo diante da normalidade da situação, o que poderia levar ao abandono da aposta, teimosamente, Marina diz a Sonya que ela e Egor podem “ligar quando quiserem”, pautada no implícito da incompetência do pai para o cuidado dos filhos. O segundo enunciado, longe do efeito de amistosidade que pretende criar, está eivado de desconfiança no sucesso de Sefronov e de certeza que a assunção da paternidade sucumbirá. Mesmo em “até onde vejo”, que poderia ter algum efeito positivo, há uma carga de ceticismo, pois o limitador *até* implícita que pode ter havido algum equívoco ainda não percebido ou que pode aparecer algum à frente.

Num momento de descrença na sugestão de Marina, Alla vai ao escritório e comunica a decisão de assumir a mentira e buscar a adesão do marido pela via argumentativa. É só neste

⁹ Temporada 1, Episódio 1, 40 Minutos.

¹⁰ Temporada 1, Episódio 1, 42 Minutos.

¹¹ Temporada 1, Episódio 2, 13 Minutos.

momento que o espectador fica sabendo qual foi a sugestão de Marina para Alla.

SD9) – Lembre-se que você deixou seus filhos com seu ex para ele estragar tudo e dar provas incriminadoras. Mas se ele descobre que é mentira é ele que terá as provas (T1, E2, 37:00¹²).

No fragmento, são explicitadas a crença de que o pai seria incompetente para o cuidado e de que a mãe, ao contrário do que se imagina, deseja se encontrar, à revelia dos filhos, com o companheiro desejado, atropelando o tempo, se puder: uma humanidade muito frágil, de ambas as partes. Como nenhum problema ocorreu, o enredo parece encaminhar para um desfecho que, na forma da ruptura, colocaria a paternidade sob outras luzes. As “provas incriminadoras” não aparecem e o cuidado ao encargo do pai dá sinais positivos, o que leva Marina a cobrar de Alla as atitudes combinadas e a incorporar o discurso que antes lhe era dirigido por ela, até porque, como mulher e mãe futura, ela defende a si mesma por meio da defesa de Alla.

Vendo que a estratégia não dava resultado, Alla finge voltar para casa, sem desistir do intento de ir para a Austrália morar com Lev e os filhos. Creio que já há ingredientes suficientes para entender o contexto e clarear o necessário para o atendimento do objetivo que proponho: Alla pensa em si mesma, embora não deixe de querer os filhos (até mesmo por isso), e Sefronov lida com desenvoltura em relação aos filhos. Pareceria, deste modo, que este acontecimento discursivo “escapa à inserção (e) não chega a se inserir” (PÊCHEUX, 1999, p. 50), o que significa que aquilo que, de pronto, parece que criará alguma ruptura ao que está previsto e sancionado, em última instância cede espaço à regularização e a mais do mesmo: mera repetição.

Pareceria se desenhar, sob a atividade discursiva, uma inquietação que refaz percursos e repercute “lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperezas” (FOUCAULT, 1996, p. 8). Nem uma maternidade tão altruísta e incondicional, nem uma paternidade tão descomprometida e incompetente. Porém, é hora de colocar em pauta uma personagem que deixei à margem: Arisa.

Arisa é um robô comprado pela Cronos e que teria assassinado um ser humano, tendo violado, assim, uma das leis da robótica. Salvando Sonya de um atropelamento, passa a seguir a menina, vai até sua casa, é escondida pela garota e faz tudo o que ela pede. Quando a sua presença é descoberta, Sonya já está apegada a ela e o robô é, inclusive, uma das causas de Alla voltar para casa, quando a vê pelas câmeras e sente ciúme do contado de Arisa, muito bonita, com Sonya e Sefronov. Porém, a série, em relação a Arisa, replica o imaginário estereotipado de mãe, aplicando “prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se

¹² Temporada 1, Episódio 2, 37 Minutos.

insensivelmente na ordem dos corpos” (BOURDIEU, 1999, p. 71).

Enquanto Sefronov está no seu trabalho de médico legista e Alla permanece escondida aparentando estar na Austrália, Arisa acompanha Sonya, cuidando-a de modo esmerado: lendo, brincando, alimentando. A ordem em que tudo se encontra e que levou Marina a acreditar que estava “tudo bem”, portanto, deve-se ao robô, que, fazendo as vezes de mãe, supera a ela, que não é uma máquina, e supre a ausência de Sefronov junto aos filhos. Arisa torna os pais descartáveis, seja porque Egor tem vida própria ou porque Sonya tem todas as vontades satisfeitas. Basta um fragmento para demonstrar a relevância de Arisa junto a Sonya, que recusa que a mãe leia para ela, pedindo que seja Arisa a fazê-lo.

- SD10) – Mãe. Eu quero ir brincar com a Arisa.
 – Não seja teimosa. Vamos ler um livro.
 – Arisa, pode ler para mim?
 – Arisa, recolha as coisas, por favor.
 – Mas, mãe.
 – Para com isso.
 – Então, eu mesma leio (T1, E6, 45:00¹³).

No caso de Arisa, pode-se repetir ao pé da letra o que Bourdieu (1999, p. 45) afirma sobre as mulheres: “seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que ‘faz’, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre”. Arisa é a mãe imaginária exacerbada e extremada e, justamente por isso, dispensa a presença do pai, em que pese a ausência de Alla levar Sefronov a participar um pouco mais do cotidiano.

Quero crer que consegui dar uma visão bastante precisa do ponto a que queria chegar. Se, até uma altura, o espectador estaria surpreso, porque uma outra apreensão da paternidade parecia estar se esboçando, no fim, não há mais do que o reforço da injunção ideológica sobre o seriado, mesmo que ela ocorra de modo inconsciente: “essa ignorância é muito diferente de um vazio inicial do pensamento; ela é, do contrário, o ‘pleno’ ideológico pelo qual o impensado é dissimulado no próprio pensamento” (PÊCHEUX, 1995, p. 73); ela é a “memória que dança na escuridão”. Também Sefronov é o pleno ideológico que continua na repetição e que faz coro aos outros dois momentos de análise neste estudo.

Considerações finais

Antes de tudo, preciso me precaver contra um efeito de sentido que pode emergir da

¹³ Temporada 1, Episódio 6, 45 Minutos.

escritura deste artigo: não estou afirmando que o *pai* deva ser pensado a partir de uma leitura generalizante, a-histórica e universal. O fato de contrastar um *e-mail* brasileiro, um filme turco e uma série russa não deve levar à conclusão de que o sentido é transcendental ou natural. A única conclusão a que pretendo chegar é a de que, entre os dados, há uma certa regularidade: a construção de um imaginário que produz o efeito de sentido de que o pai é irrelevante, o que pode até se repetir em outros espaços, mas não é única.

O que acho necessário colocar em relevo, a partir da discussão efetuada, é relativa ao fato de que a ausência do pai na vida do filho é criticada, com acerto, mas não se reivindica esta presença nas materialidades discursivas; pelo menos, não nas que se referem ao cuidado, ao afeto e à educação. Sei que a presença dele é requerida em outro espaço e que, nos casos citados, pode ser dado, pelo discurso em pauta, como o termo excedente da relação, o que não significa que ele, tido como pouco dado ao acompanhamento da criança, não o seja e que a sua realização pessoal dependa unicamente da provisão financeira. Defendo que discursos como esses devem ser problematizados, para que perspectivas maniqueístas que colocam a afetividade ao lado da mãe e a economia ao lado do pai possam sofrer algum abalo.

Em relação ao “não-afirmado (que) precede e domina o afirmado” (PÊCHEUX, 1993, p. 178), neste caso, contra o pai ausente que continua obliterado no discurso, trata-se de destrinchar as materialidades produzidas, detectando a “série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que tem por característica colocar o ‘dito’ e em consequência rejeitar o ‘não-dito’”, colocando “fronteiras entre o que é ‘selecionado’ e tornado preciso aos poucos, e o que é rejeitado” (PÊCHEUX, 1993, p. 176). Aqui, é o caso da superabundância que o delinea a *mãe* e a parcimônia que desenha, de forma minimizadora, o *pai*. É necessário perceber que nada se pode esperar de quem nada se espera e que, portanto, a “luz solitária”, a “vela ao vento”, deve cintilar aqui e acolá.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. (Trad. Maria Helena Kühner). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. (Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Loyola, 1996.
- FUCHS, Catherine e PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

- MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. (Trad. Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2.ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi). 2.ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre (et al). *Papel da memória*. (Trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. (Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi). 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- SARACENO, Chiara e NADINI, Manuela. *Sociologia da família*. (Trad. Maria das Dores Guerreiro). 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.

Recebido em: 22/11/2020

Aprovado em: 24/2/2021